

**TENHO 16 ANOS, DOIS FILHOS ... UM DIA VOU CASAR
VESTIDA DE VERDE-BEBÊ**

**I am 16, I have two children... one day, I'm going to get married
in a baby-green dress**

Anna Maria Hecker Luz¹

RESUMO

O estudo apresenta as relações familiares de mulheres adolescentes nas vivências cotidianas da maternidade. O olhar atento da autora traz à luz a compreensão de questões relativas à mulher, de experiências de vida marcadas pela marginalização envolvendo questões de classe e de gênero.

UNITERMOS: *gravidez na adolescência, família, relato narrativo*

*“... E minha mãe se entregou a esse homem perdidamente
Ele assim como veio, partiu não se sabe pra onde
E deixou minha mãe com o olhar cada dia mais longe
Esperando, parada, pregada na pedra do porto
Com seu único velho vestido cada dia mais curto...”*

Minha História
Dalla-Pallatino
Versão: Chico Buarque

A maternidade na adolescência, cada vez mais, impulsiona a prática da enfermagem a interpretar a repercussão deste processo na família e compreendê-la como local primeiro de cuidados (Patrício, 1994), possibilitando diferenciar o cuidado de enfermagem individual e institucional, do sóciofamiliar.

¹ Professora da Pós-graduação, Mestrado em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora da Graduação e Pós-graduação, Especialização em Enfermagem Obstétrica do Departamento de Enfermagem da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Pesquisadora do CNPq.

Na organização social, os segmentos família, escola, comunidade e hospital expressam a segregação e a tolerância, exigindo repensar a misteriosa rede de relações que une o “*lugar ao nós*” (Maffesoli, 1987, p.208). É a família o primeiro lugar de pertencimento dos indivíduos, de valor territorial, espaço histórico e geográfico privilegiados.

A gravidez na adolescência, além de estar intimamente relacionada aos aspectos de maturação biológica e psicológica, também está ligada aos fatores ambientais e sociais, igualmente importantes.

Durante a gravidez de uma adolescente, a família sofre mudanças na sua dinâmica relacional. A gestação foge do simples ato biológico-reprodutivo, afeta a relação homem/mulher e redefine as identidades sociais.

Os papéis femininos e suas funções familiares – ser mãe, esposa, companheira – centram-se, de acordo com Chodorow (1990, p.233,234), “*cada vez mais, em funções emocionais e psicológicas – o trabalho das mulheres é trabalho emocional*”. Talvez, por este motivo, a gestação fora das normas sociais estabelecidas, provoque tanta emoção na mulher.

A maternidade na adolescência, principalmente em jovem solteira, representa a irregularidade e gera desconforto em enfermeiras, médicos e educadores. O direito à desigualdade desvela o contrário do “*dever ser*”, ameaça e conflitua a convivência.

A família da gestante é pouco valorizada pela equipe de saúde durante o processo reprodutivo. O tempo dispendido com a gestante no pré-natal é insuficiente; menor ainda é o tempo reservado à sua família. A política e a filosofia das maternidades inviabilizam a presença de familiares durante o parto e puerpério, além do entrave das normas rígidas para visitas, coincidentes com a jornada de trabalho ou refeições da parentela.

Ao lançar o olhar sobre estes fatos, atinge-se outra visão que, por sua vez, se multiplica e mapeia o céu da gestação na adolescência com infinitos pontos luminosos, cada um com seu contorno, brilho ou opacidade próprios, mas todos de igual importância na constelação familiar ou institucional. Com a lupa da vontade e do estudo, ampliar-se-á, aqui, alguns destes pontos, tentando perceber-lhe, além da existência, a essência.

● **Cenário, atores e cenas das vivências com a família²**

São vinte e cinco anos de vivência. Tantas! Quanto mais conheço,

2 O relatório da análise do material estudado, relativo ao período de 1993 a 1995, é apresentado em forma de “conto” (Bueno, 1965), narração escrita, com unidade dramática que concentra a ação na aventura da descoberta e vivência da gravidez, no contexto familiar, de um grupo composto de sete adolescentes de classes populares, em Porto Alegre, RS. Tem por fim a leitura dirigida aos jovens acadêmicos de enfermagem. Esta modalidade de apresentação possibilita mostrar as múltiplas concepções que emergem da pesquisa, de forma a poder dimensionar uma compreensão individual e social do fenômeno. As conclusões não fazem parte essencial da narrativa, mas se couberem nos seus limites não são desprezadas.

ouço, vejo, mais quero descobrir, chegar mais perto, olhar de outro modo, usar lentes variadas, desvelar matizes e formas. E a curiosidade se veste de carinho por estas mulheres de ontem, de hoje e de sempre. Umhas são tristes, outras alegres, mas todas carregam a vida repleta de suor, sangue e esperança. Estas mulheres são árvores plantadas em terra forte ou fraca, mas que independente do solo erguem a cabeça em direção ao sol, ao ar e à vida. Cada uma tem sua história. E estas histórias nem sempre são fáceis de contar, mas carregam em si o ensinamento para que, talvez, outras tantas semelhantes não aconteçam.

...

Geni dorme na casa de uma amiga. Vai para a cama cedo porque está cansada. Acorda molhada. Teria urinado na cama? Levanta-se, e o líquido continua a escorrer pelas pernas. Sacode a amiga e diz-lhe que tem que ir para o hospital, pois o nenê vai nascer. A amiga boceja e pede calma. A água é só um anúncio, tem que esperar pelas dores.

As palavras da amiga não convencem Geni.

- Não vou esperar dor nenhuma! Quero ir lá na mãe! Meu nenê vai nascer aqui mesmo e como tu vais atender ele?

A amiga levanta e rapidamente enfrentam a rua. É tarde da noite. Há pouca luz, mas Geni conhece muito bem o caminho. O difícil é andar com aquele aperto indo e vindo. Caminha um pouco e pára, outro pouco e a luz da rua parece diminuir a cada passo. Ao vislumbrar a casa da mãe reúne as forças das pernas até chegar diante da porta. Então concentra toda a energia na garganta e ... acorda a vizinhança inteira.

- Depressa que meu nenê vai nascer! Depressa!

Todos correm. Conseguem um caminhão e Geni é levada para o hospital, em companhia da irmã. Ao chegar, é examinada e encaminhada para o 12º andar – setor de atendimento ao parto. O elevador chega, a porta abre-se e Geni defronta-se com uma escuridão só. Assustada, agarra-se ao braço da irmã e berra que o nenê vai nascer ali mesmo. Por que 12º andar? Uma eternidade de andares! E se o filho nascer no elevador? Por que não atender no térreo? A respiração acelera, o corpo parece alongar-se para a frente, para os lados, encher o elevador, retirar o ar. Finalmente, a porta se abre. O médico a examina e a enfermagem conduz Geni à sala de parto. Está confusa, amedrontada. Sente-se a personagem de um filme rodado às pressas, as cenas confundindo-se. Mal dá tempo para despir-se, a enfermagem raspa-lhe os pêlos do períneo e a deitam naquela cama esquisita, com cabeceira móvel que se eleva, e perneiras laterais metálicas que apóiam e afastam as pernas para permitir o nascimento. Entre objetos nunca vistos e cheiros intrigantes, Geni arregala e fecha os olhos e o filme parece sofrer cortes repentinos, enquanto olhos desconhecidos vêm e vão, únicos pontos vivos nos rostos cobertos por máscaras. As vozes, também desconhecidas, se sobrepõem aos sons de metais, da respiração, dos próprios ge-

midos e ordenam: – Agora, segure os ferrinhos, aqui do lado, segura neles, Geni, e faz a maior força da tua vida, diz-lhe a enfermeira. Mas os braços mal conseguem alcançar as perneiras metálicas. Ela eleva o corpo para a frente, tenta agarrar o metal, mas a mão suada torna inútil a apreensão. Os pensamentos se atropelam. Seu filho tem que nascer. Mas como? Daquele jeito? Respira, olha tudo e não vê nada. Reage. Como querem que eu tenha ele, assim deitada? Preciso levantar! Agita-se, retorce o corpo e geme feito animal diante da luta inadiável, até conseguir ficar quase sentada sobre o canal do parto. Finalmente alcança as perneiras e gruda-se nelas. Concentra-se, faz tamanha força, comprimindo a barriga, que as sardas do rosto bonito saltam sobre a pele vermelha. É o momento, o seu momento e o choro estridente que agora se sobrepõe a todos os ruídos do mundo, anuncia a chegada de Douglas. Geni amolece o corpo e tomba a cabeça sobre o travesseiro. Entremeada ao choro de Douglas, ouve a voz do médico: – Você foi ótima! Em seguida, a da enfermagem: – Parabéns!

Orgulhosa, Geni descontraí o rosto e sorri.

...

O parto fora perfeito, principalmente por ser o de uma jovem de apenas 15 anos. Quem poderia duvidar, naquele momento, que a maternidade não seria maravilhosa? Eu, que a conheci durante a gestação, e que trouxe aquele pequeno foco de luz para mais perto e pude ver-lhe muitos tons, nem sempre bonitos. E comecei a lembrar o dia que entrei em contato com aquelas adolescentes grávidas, lá na vila.

...

Véspera de domingo. Uma tarde ensolarada de inverno, dia de feira de roupas usadas, organizada pelas religiosas moradoras da Vila Fátima/Pinto. Misturo-me à feira e, enquanto ando, refletia sobre minha presença ali. Há tempos fazia-me perguntas, e algumas eram muito fortes e precisavam de respostas imediatas. Ia ver mulheres, talvez crianças ainda. Talvez... Quem eram? Grávidas, isto eu sabia. O que não sabia, era como mudar meu foco de visão sobre as gestantes adolescentes que não fosse o da instituição hospitalar. Como me aproximar, tornar-me íntima, para que falassem abertamente sobre seus problemas? Permitiriam a intromissão em suas vidas? Não sabia. Mas estava decidida a tentar.

Enilda, uma das líderes comunitárias, acompanha-me à casa de Eliza e vejo-me diante da primeira adolescente do meu futuro grupo. A menina, de apenas 15 anos, é de estatura média, fisionomia delicada e aparência infantil. O bronzeado da pele contrasta com os dentes brancos, perfeitos, visíveis no fácil e arteiro sorriso. Os cabelos castanho-claros, longos e naturalmente ondulados, harmonizam com os olhos da mesma cor. A gravidez é visível pelo volume abdominal sob a blusa solta cobrindo o *short*. Eliza ouve-me e concorda em participar da pesquisa e diz, descontraída,

que Cinara, sua irmã mais velha, de 16 anos, também está grávida. E, maliciosa, arremata: – Foi um choque para a família, porque não tinham ainda se acostumado com a minha gravidez. E Cinara, a menina morena, de cabelos escuros e muito crespos, que envelhecem seus 16 anos, também passa a fazer parte da pesquisa. Logo, encontro Silvana. Alta, esguia, tímida e silenciosa, deixa os dedos longos e finos – mãos de pianista – falarem sobre a delicada personalidade de seus 16 anos, conturbados pelo segundo mês de gestação. Assim, o grupo de pesquisa inicia, encabeçado por Eliza, Cinara e Silvana.

Todas as semanas vou à vila, e minha presença desperta curiosidade geral. Certo dia, estaciono o carro em frente ao Centro Comunitário, sento-me na escada de acesso e aguardo Silvana vir da escola. Uma menina se aproxima e começa a conversar. Diz chamar-se Beatriz e tem 9 anos. Misto de senhora e criança, obesa, veste-se de adulta, apesar do olhar arregalado, pálpebras piscantes, sobrancelhas arqueadas, e repleta de questionamentos infantis. – Este carro é teu? Por que tu tá sentada aqui? Tu tá esperando alguém? O que tu vem fazer aqui, na vila? Tu é médica? O metralhar impede rápidas respostas. Mesmo assim, respondo uma a uma as perguntas. Seus olhos se iluminam. É apenas uma menina, mas revela senso solidário. Falo-me da filha de sua vizinha “bem guria e está esperando nenê”. Me leva lá, e apresenta-me Dona Francisca que chama a filha. Geni aparece. Estatura baixa, de uma beleza exótica, 14 anos, mas aparenta ser ainda uma criança. Cabelos cor de fogo, lisos e brilhosos, um pouco abaixo dos ombros, enquadram a pele com sardas, dentes em perfeito estado e os olhos castanho-amarelados num conjunto harmonioso. O vestido justo e curto que, ao contrário do corpo, não se desenvolve, encobre suas 28 semanas de gravidez.

Em poucos dias a vila toma conhecimento de minha presença e intenção. Logo, o grupo de pesquisa aumenta. Recebo Mary, a menina negra, de sorriso cativante e sempre de bem com a vida. Com seus 16 anos, enfrenta a segunda gravidez e é a única participante casada. Depois, conheço Adriana, a intelectual do grupo, loira, olhos claros e serenos. A gravidez e a maternidade não a impedem de continuar os estudos. Também encontro Fernanda, esmirrada, mas extremamente ágil. Desce e sobe as lombas da vila para ir e vir do trabalho com facilidade – estagiária do Sine na CEEE – e mais assemelha-se a uma barriga andante.

Começo os encontros semanais na residência de cada uma delas, falando sobre a evolução da gravidez, a relação familiar e as necessidades das gestantes. Depois, os encontros passam a ocorrer nas dependências do Centro Comunitário, mas continuam os atendimentos individuais a domicílio. O tema central dos encontros é escolhido por uma das participantes. A atividade varia entre o debate, o relato de experiências ou a oficina de trabalho. Certo dia, quando já haviam mães no grupo, levei o recorte de um jornal com a reportagem: “mãe adolescente esfaqueia a filha de 5 meses, a

um centímetro do coração, por não ter com quem deixá-la para ir a uma festa”. Após leitura e compreensão da reportagem, recria-se a história na dramatização. As adolescentes escolhem as personagens da história que querem representar e suas falas. Reproduzem suas próprias vivências de adolescentes, representando avós, tia, mãe e sogra, as quais negam-se a ficar com a criança para que elas possam ir à festa. As desculpas giram em torno de cansaço, dor de cabeça, cobrança para que a mãe assuma a sua responsabilidade. Afinal, dizem, o filho é dela. A dramatização encerra com a única opção: a mãe adolescente não pode ir à festa. Sua parentela nega-lhe auxílio. E as histórias próprias ou de outrem, trazem para os encontros a própria vida.

...
É maio... é junho... e a menstruação não vem. Cada dia, cada ida ao banheiro é uma esperança. Mas, o absorvente está sempre seco. Eliza perde o fácil sorriso e, angustiada, fala com o namorado. Com seus 17 anos, Marcus certamente tem maior experiência. Confia nele, pois se amam e este filho vai trazer alegria aos dois. Mas... com o pai e a mãe o assunto é outro, principalmente com o pai. E a conversa é sempre adiada.

Apavorada, percebe o corpo transformar-se. Os olhos arregalam, o abdômen cresce, os seios incham e o peito se aperta. Só Marcus a acalma. Só ele sabe do esforço dela para esconder a barriga, mas o grande e maior esforço é o de esconder a alegria. – “Por que se tem que esconder algo tão bonito quanto ter um filho?” – revolta-se.

É inverno e já não há mais roupa solta adequada. E... olhos da mãe... são olhos de mãe e percebem a filha grávida. Em meio à angústia, ela e Marcus contam-lhe sobre o bebê e conseguem, finalmente, o alívio. Lourdes ouve a notícia resignada. Eliza só antecipara as coisas, pois certamente um dia ela lhe daria um neto. Mas homem não pensa assim. Ela e a filha sabem disso, mas têm que contar ao chefe da família o acontecido.

Pereira, ao constatar a honra ferida – suas duas filhas, Eliza e Cinara, estão grávidas –, chora e se lastima: “Não é possível! Fiz tudo por estas gurias, agora estão grávidas”. Depois cala. Nos próximos meses, só encontra paz para sua tristeza no trabalho.

Para Eliza, o dia-a-dia enche-se de dúvidas. Interromper a 5ª série? Como seria a criança? O que iria mudar na sua vida? Mudaria? Certeza só tem uma: já não há mais preocupação com roupas ou em esconder a alegria da gravidez.

Com o passar do tempo, os pais das adolescentes vão se acostumando com a idéia. Elas, porém, carregam sentimentos de culpa relembrando a expressão de sofrimento do pai ao saber da gravidez. Mary, esmaece o sorriso e seu constante otimismo ao relatar: – Na primeira gravidez meu pai ficou super magoado, chorou quando ficou sabendo. Fiquei com pena dele, mas, na segunda, ele nem ligou. Eu já estava morando com o Juremir.

...
Os dias de Silvana são carregados de angústia, desde o despertar. Como comunicar a gravidez ao pai? A timidez se reveste de medo e ela torna-se cada vez mais silenciosa. Mario, seu namorado, quer falar logo para o futuro sogro. Mas, temerosa do desgosto que causará ao pai, Silvana implora por mais e mais dias, prolongando seu sofrimento até que Mário encerra o assunto: – Se tu não conta eu vou contar. A atitude do namorado atenua o medo de Silvana de enfrentar o pai. Numa hora destas, homem se entende melhor com homem, diz a mãe, e para sua surpresa “não teve problema, porque o Mário assumiu a gravidez desde o início”.

A cautela de Eliza e Silvana parecem naturais, e fazem-me recordar Rocha-Coutinho (1994), quando diz que a imagem feminina na família situa a mulher numa posição de desigualdade em relação ao homem. A figura paterna representa a relação de autoridade no âmbito familiar e, como tal, assume maior responsabilidade quanto à honra da família. É ao homem que se deve contar oficialmente sobre “a tragédia ocorrida”, e é ele quem demonstra ser o mais atingido pela transgressão.

...
Adriana revira as roupas à procura de uma saia que feche na cintura. Tudo apertada, nada serve. Os olhos claros detêm-se no abdomen, comprime-se aqui e ali e a resposta não tarda: está grávida. O coração acelera, o olhar sereno dá lugar à agitação nervosa. Qual será a reação da mãe? Calada, veste o que julga melhor, mas logo o corpo a denuncia.

A mãe sente-se chocada. Sua filha, órfã de pai, está grávida aos 14 anos. Mais tarde, ao falar com a pesquisadora, revela-se compreensiva com o fato e diz: – Filhos são ganhos na vida! Eu estava ainda muito triste com a perda de uma netinha de três anos, da minha filha mais velha. A menina era a coisa mais linda e morreu do coração. Aí não podia não querer esta outra. O que se pode fazer numa hora dessas é apoiar.

Adriana não precisa enfrentar o pai para contar sobre a gravidez. Ela e a mãe conversam e é hora de falar com Everton. Porém, o namorado de Adriana rejeita a paternidade. Nem por isso ela se abate. Continua os estudos e vive seus dias à espera do nascimento do filho.

Não muito longe dali, Fernanda, de pais separados, percebe o corpo ágil e magro transformar-se e não tem dúvidas sobre a causa. A mãe a ouve e por um momento parece não acreditar. Depois de um longo suspiro, e um tanto sem jeito, alegra-se com a notícia. O namorado Wilson emociona-se e Fernanda carrega lomba acima, lomba abaixo, no dia-a-dia do seu trabalho, a nova vida dentro de si. Num dos encontros no centro comunitário, conta sobre a reação da mãe e do namorado naquele dia da descoberta – Ela, no começo, ficou meio assim, mas depois ficou feliz. O meu namorado Wilson, que está servindo no quartel, também ficou muito feliz com a gravidez.

...
Constatada a gravidez, é a hora de enfrentar o desafio de revelar o fato à família. Quando a autoridade paterna não existe (pela orfandade), ou não convive com a família (separação), não ocorrem conflitos nas relações familiares. Neste caso, recorro da constatação de Saffioti e Almeida (1995), de que os homens consideram-se literalmente centrais nas relações sociais, enquanto as mulheres assumem o ponto de vista social. Na transição da adolescência para a vida adulta, o dilema integridade versus cuidado é idêntico para homens e mulheres, mas as distintas óticas geram duas ideologias morais diferentes: “*a da separação, fundada numa ética dos direitos*” – quando o pai de Eliza e Cinara comenta: “não é possível, eu fiz tudo por estas gurias” –, e “*a da conexão, ancorada numa ética do cuidado*” – no dizer da mãe de Adriana “o que se pode fazer numa hora dessas, é apoiar” (Saffioti e Almeida, 1995, p.14). Enquanto a primeira baseia-se no princípio da igualdade, a segunda apóia-se no de equidade, no respeito às diferenças.

Geni considera que no início a gestação foi relativamente aceita pela família, já que sua mãe foi mãe aos 16 anos, embora já estivesse casada. Seu pai não brigou por ela ter aparecido grávida. “Depois do mal estar feito, não adianta reclamar”, disse ele.

Entretanto, com o passar dos meses, o local onde vive com a família, apesar de ter um grande espaço externo com árvores e animais, incluindo um chiqueiro com criação de porcos, nos fundos, torna-se pequeno. A casa de madeira, sem esgoto, mas com luz elétrica é composta de quatro peças de chão batido e teto de zinco: três quartos que mais parecem bretes, com abertura para a peça principal da casa. Nela o fogão de barro com chapa de ferro está sempre aquecendo o ambiente e os ânimos, seja inverno ou verão. Os atritos familiares tornam-se constantes. A relação com a família tumultua-se, principalmente entre pai e filha, motivada pela conduta e pela gravidez de Geni fora do casamento. E Geni sai da casa dos pais várias vezes.

Vai morar com dona Santa e ajuda cuidar dos três filhos dela, por 15 dias, até o nascimento de Douglas. Ao sair do hospital retorna à casa dos pais e aí permanece dois meses. Os pais constroem uma peça para Geni, no mesmo terreno de sua casa principal. Mas quando viajam para o interior, Geni vai morar com a irmã. – A Geni é um problema, diz a irmã. O pai e a mãe querem voltar lá pra fora e ficam preocupados com ela. Não dá pra Geni ficar sozinha. Por isto ela veio para cá. Ela quer trabalhar, mas briga com todo o mundo, não tem patroa que agüente. Mas, Geni reclama: – Todo mundo quer mandar em mim e ainda tenho que viver com essa diaba (sobrinha de nove anos que não lhe obedece). Lá em casa não dá. Numa briga, o pai quase me matou. E resolve morar com Edson, cunhado da irmã, que está separado da mulher. Os pais voltam do interior e ela retorna à casa deles, o que só é possível porque seu pai está viajando. Po-

rém, mais uma vez Geni muda-se e justifica: – É que todo mundo é ruim pra mim. Tô morando ali em baixo, na casa do Nêgo, que é bom porque passo o dia na mãe, diz. Quando o pai retorna vai morar com a amiga Suzana. – Ela deve ter uns 37 anos e é legal. Tem três filhos e mais os gêmeos com um ano e meio, mas ela não é casada ... e de novo não dá certo.

E Geni vai e vem com seu filho sempre a tiracolo.

A família de Cinara e Eliza mora em casa de alvenaria, com cinco peças e possui instalação hidráulica, elétrica e esgoto. São cinco peças amplas que abrigam, com conforto incomum para a comunidade, os três filhos e o casal. Com a gravidez das meninas há a necessidade de mudanças na acomodação interna. Os pais deixam o quarto maior para as duas futuras mães, e os berços são colocados como barreiras de isolamento entre elas. As mudanças internas, na disposição dos móveis do quarto, são constantes e, numa destas, Carlos, o irmão de 11 anos, é expulso do quarto. Sua cama vai para a sala. Em pouco tempo, a casa torna-se pequena para abrigar as novas famílias.

As discussões entre as irmãs são freqüentes. – Ela é muito mandona, tá sempre pedindo uma coisa, desabafa Eliza. Considera a gravidez da irmã mais complicada, porque é abandonada pelo namorado. – Hoje, ela está em pior situação que eu. Não sei amanhã, talvez fique melhor. Agüento, faço as coisas e não brigo com ela, mas é difícil. – Brigam comigo porque eu acordo às nove horas e que não faço nada. Aqui em casa não vai dar para ficar – diz Cinara e chora.

Mas... e os adolescentes? Qual o comportamento destes tão jovens rapazes diante da paternidade? E diante da família da namorada ou da própria?

Na família dos rapazes, o relacionamento familiar se modifica. Como diria Takiuti (1990, p.80), “*o filho normalmente torna-se vítima aos olhos da família que deseja protegê-lo contra a sedutora*”. Cinara não entende porque a mãe de seu namorado Leandro, já com 20 anos, o protege tanto, dizendo que não se mete com as namoradas do filho dela. – Aí eu enchi a mulher de desaforo. Conte para o meu pai e ele foi lá e também encheu a mulher de desaforo.

A família tem papel importante na tomada de decisão do rapaz. Ao saber da gravidez, via de regra, o apoio é dado ao filho e não à namorada. Se a família é contrária ao namoro, o adolescente é incentivado a não assumir a gravidez.

● **Vivo sozinha. E agora?**

Cinara sente-se triste. Seu namoro, de mais de dois anos, não é aprovado pelos pais do namorado, e eles a isolam. Apesar disso, considera esta situação mais fácil para a mulher porque o homem tem que fazer a escolha de assumir ou não a criança. Quando o namorado não assume, a família

da moça “vem toda em cima”; se assume, o rapaz sente-se “preso a uma criança, mesmo não estando com a mulher”.

Quando a família do rapaz, aprova o namoro porém a gravidez ocorre fora da união conjugal, a família dele, muitas vezes rejeita o fato. É o caso de Adriana: - No início, quando a gente namorava, a mãe dele até queria que eu fosse morar lá. Eu é que não quis. Agora que eu fiquei grávida, ela não aceita. O Everton disse que por ele, ficava comigo, mas é ela que não deixa. Não falo mais com ele.

Nos casos em que a paternidade não é assumida, a dificuldade para enfrentar a maternidade é maior. Cinara permanece morando com os pais e com o irmão. A gravidez produz significativas mudanças na relação familiar. A família tem a reputação de gente boa, e talvez por isto não haja prejuízo público mais vergonhoso do que a desonra de uma filha abandonada e por este motivo, ela sofre cobranças da família, situação que se agrava após o nascimento do bebê. E Cinara desabafa: - Ninguém avalia o que eu estou passando. Ficam fazendo pressão sobre mim, principalmente o pai. Eu gostaria de ir embora, mas não tem como fazer isso. Falei com o Leandro, mas não tocamos no assunto da gravidez. Não quero forçar a barra com ele. Se vier uma menina, a família dele vai enlouquecer porque só tem homens... O nojo que eu senti dele no início foi porque eu culpei ele por estar grávida. Eu sei que fomos nós dois que fizemos o filho.

O conformismo de Cinara é dinâmico, pois usa de astúcia contra a necessidade e a adversidade (Maffesoli, 1984). Em vez do ataque direto à situação da paternidade não assumida, e do abandono, Cinara prefere a estratégia de circunspeção. Leandro, por sua vez, aproveita-se da situação e usa o cinismo como subterfúgio, escudo eficaz contra o mundo da imposição e, igualmente, não toca no assunto. Mas ambos têm bem presente a gravidez.

● **Estou grávida. O que fazer?**

É uma decisão complexa. Talvez por isso só verbalizada por aquelas em que a gestação não foi assumida pelo namorado. Refletem sobre continuar ou não com a gravidez, considerando que a decisão afetará tanto a si mesmas quanto aos outros. A possibilidade de aborto, pensada ou sugerida, é assustadora. Têm medo de morrer durante o processo abortivo, ou no caso de insucesso no intento, o de terem filhos com problemas. O período de decisão de praticar o aborto é vivido de forma perturbadora. Talvez, por esta razão, utilizem métodos ineficazes de interrupção da gravidez: esforço físico, chás ou drogas não adequadas. Recorrer a um profissional para realizar o aborto é inviável. São menores, há a questão econômica, o sofrimento e o risco de complicações. - Me sinto só, diz Cinara. - Em casa não consigo falar com a mãe e o pai. Já não sei se gosto

do meu namorado, a dor de ter sido abandonada é muito grande. Ele diz pra mim fazer um aborto. No início eu ia daqui até a PUC, correndo no sol de rachar... e não acontecia nada. Mandavam tomar Coca-Cola. Eu tomava 3 a 4 por dia. Quando eu tava decidida que ia fazer o aborto, o pai disse: “Tá, tu vai fazer. Então, a gente vai contigo”. Mas, quando chegou o dia, a mãe não deixou, ela já teve 3 abortos. – Não faz! a mãe me disse. Eles vão te colocar uma sonda, te mandam assim para casa...Aí tu não sabe se tu vai conseguir tirar.

Assustada, Cinara reflete sobre a decisão. – Fiquei assustada com a idéia. Ter que ir para o hospital com aquela sonda, fazer como fizeram com a mãe, aquela ... (curetagem) sem nada, sem anestesia, a mãe gritava em cima da mesa....

No mesmo impasse viu-se Geni: – Meu namorado não aceitou a gravidez e, quando ficou sabendo, foi embora para Minas Gerais e eu nunca mais vi ele. Tomei remédio para abortar mas não surgiu efeito.

Parece-lhes impossível equacionar decisões sobre o dilema, mas, de qualquer modo, ele tem seu desenlace baseado na opção que, em última instância, é a do namorado ou da família e não delas mesmas. Entretanto, a gravidez para as adolescentes também pode representar a oportunidade de atender o que a sociedade espera de uma mulher: casar e constituir nova família.

● **Vivo com meu namorado. E daí?**

Nesta comunidade, nos casos em que não há uma oficialização na união conjugal (civil ou religiosa), é necessária a aceitação social e familiar para a união que implica apenas morar junto (Eliza, Mary, Fernanda e Silvana passam a viver maritalmente com o namorado, o qual assume legalmente a paternidade do bebê). A relação entre a adolescente e seu namorado ou companheiro, normalmente tão jovem quanto ela, é, na maioria das vezes, embasada em frágeis vínculos afetivos. A vida conjugal não ocorre a partir da escolha dos cônjuges, mas é induzida pela gravidez. Na relação não planejada são frequentes os problemas de adaptação, e se requer maior esforço e capacidade do casal para enfrentar os conflitos diários.

Grávida, Silvana vai morar com Mário, de apenas 17 anos e que trabalha na oficina do tio e une-se a ele com a ilusão de uma vida melhor: – Nos primeiros dias que eu me mudei para a casa da minha sogra, chorei muito. Eu estranhei morar lá. Aí eu passava as tardes na casa da mãe... As vezes dá aquela coisa assim, que eu tenho que sair. Tem hora que se eu não sair eu acho que expludo.

Eliza, apesar de ser mais jovem que a irmã Cinara, tem melhor sorte. Marcus, tem 17 anos quando ela engravida e é garçon de um restaurante. De família gregária, mora em um grande quintal ocupado quase

completamente por familiares. As pequenas casas, próximas umas das outras, mantêm um espaço livre no centro, onde desfrutam coletivamente da corda com roupas sempre secando, crianças a brincar e mulheres a conversar. Para ele, a gravidez deve ser assumida, e ao saber que seria pai, enfrenta o desafio de contar aos pais de Eliza, trata de conseguir um canto no “quintal familiar” e instala seu novo lar. Com seu trabalho e a ajuda do patrão, da avó e dos pais de Eliza, constroem em mutirão a peça em que viveriam “juntos para sempre”.

Eliza muda-se para a nova casa e as dificuldades geram choques nas relações: – Foi um período difícil até chegar aqui. Pensei que não íamos conseguir. Apesar de ter mais trabalho aqui na casa nova, é bom porque é nossa. Não tem água, mas eu tomo banho e lavo a louça na casa da minha sogra, aí do lado... O Marcus tá de novo sem emprego. Aí nós começamos a brigar, falta as coisas, fica mais difícil.

Os pais de Mary, provavelmente por vergonha, forçam Juremir a assumir a filha. Sabem que ali ela já é mal falada, pois “Quando eu namorava o Juremir ele vinha aqui e nós falava pela porta. Todo mundo ficava de olho e falava pra mãe que eu ficava namorando, até que um dia aconteceu”. Ao saberem da gravidez, os pais de Mary, obrigaram o casal a morar junto. Mary, porém, reflete: – Se eu tivesse ainda morando com a mãe não tinha engravidado, nem do primeiro e nem do segundo.

A pressão familiar induz o viver a dois ou a adolescente grávida permanece morando com a família de origem. As duas situações são estressantes para a adolescente.

Durante a gravidez, Wilson e Fernanda passam a viver juntos: – Vivo com meu marido. Agora estamos em outra casa porque estamos reformando a casa da mãe, vamos aumentar a casa dela e morar lá. Meu marido parou de trabalhar e está construindo a casa. O que se tem gastado tu não imaginas. Estou bem cansada por causa da casa.

● Sonho de mulher...

Mary tem um sonho. Um dia vai casar de véu e grinalda. Mas até agora não deu: tem menos de 16 anos, não tem dinheiro, nem documentos... e não tem patrimônio para garantir. Casar para quê? No seu imaginário, a união é de corpos e é o que vale, pois é a única propriedade que possui. Por enquanto, ela e Juremir (17 anos) vivem numa peça, paredes de tijolos e um teto repleto de frestas onde, no inverno, o frio entra cortando a pele e os sonhos. Talvez por isto o filho Junior de um ano, esteja sempre doente. Numa das vezes em que é hospitalizado, Mary permanece na cadeira, ao seu lado, dia e noite, pois no hospital dizem pra mãe ficar junto. É lei, até 12 anos. E, neste período, ao cuidar do filho, descuida-se dela. A cartela dos comprimidos ficara em casa. No mês seguinte não menstrua, e o bebê nasce no final do ano.

Mesmo com dois filhos, pobre, Mary continua a alimentar o sonho de casamento, igual a tantas adolescentes. Sonho construído na infância, e reforçado nas histórias de amor que estão acostumadas a ver na televisão. O rito, a teatralização do casar-se, faz Mary atribuir-se uma identidade necessária “eu existo”. Casar e vestir o puro, o bonito, o sagrado, é galgar escadas, subir, e quanto mais alto, mais o mundo a verá. Esse ato só é possível numa igreja, na pomposidade embutida desde sempre. O sonho de Mary é também o de Cínara: – Se a gente for morar juntos, vou casar só no religioso para poder batizar a criança. No civil não vai dá pra casar porque a mãe dele quer que ele sirva no quartel e casado não pode... Ah! Quando eu casar... vou ficar na boca de todo mundo porque vou casar de véu e grinalda.

E o de Eliza: – Um dia eu vou casar. Quando eu casar vou estar com quantos anos... O meu filho vai estar com uns 15 anos. Eu também vou entrar de véu e grinalda, só que de verde-bebê.

Mas este sonho é sempre condicional: “se eu casar, quando eu casar...”. Há a dúvida, talvez a indiferença aparente. Como se não fosse importante. Mas se acontecer, vale mesmo é casamento religioso. É nele que a noiva aparece, e a teatralidade é evidente. Véu e grinalda tem, por função, reconstruir a soberania social ferida pela gravidez fora do casamento.

*“... Ah, se o mundo inteiro me pudesse ouvir
Tenho muito pra contar
Dizer que aprendi
Que na vida a gente tem que aprender
Que um nasce pra sofrer
Enquanto o outro ri
Mas quem sofre sempre tem que procurar
Pelo menos vir achar
Razão para viver*

*Ver na vida algum motivo pra sonhar
Ter um sonho todo azul
Azul da cor do mar...”*

Azul da cor do mar
Tim Maia

ABSTRACT

This study presents family relationships of teenage mothers in their daily experiences of motherhood. The attentive view of the author enlightens the comprehension of issues related to women, of life experiences characterized by discrimination involving class and gender issues.

KEY WORDS: *teenage pregnancy, family, narrative account.*

RESUMEN

El estudio presenta las relaciones familiares de mujeres adolescentes en las vivencias cotidianas de la maternidad. La atención de la autora nos muestra la comprensión de cuestiones relativas a la mujer, de experiencias de vida marcadas por la marginalidad envolviendo cuestiones de clases y de género.

DESCRIPTORES: *embarazo en la adolescencia; familia, relato narrativo.*

Agradecimento

À Lou Zanetti pelo estímulo e ensinamento quanto a outras maneiras de se relatar pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BUENO, S. *A arte de escrever*. São Paulo: Saraiva, 1965.
- 2 CHODOROW, N. *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.
- 3 GUILLIGAN, C. *Uma voz diferente*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.
- 4 MAFFESOLI, M. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- 5 MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- 6 PATRÍCIO, Z.M. Cenas e cenários de uma família: a concretização de conceitos relacionados à situação de gravidez na adolescência. In: BUB, L.I. R.; PENNA, C.M. de M. et al. *Marcos para a prática de Enfermagem com famílias*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994. p.93-119.
- 7 ROCHA-COUTINHO, M.L. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- 8 SAFFIOTI, H.; ALMEIDA, S.S. de. *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.
- 9 TAKIUTI, A. *A adolescente está ligeiramente grávida: e agora?* São Paulo: Iglu, 1990.

Endereço da Autora: Anna Maria Hecker Luz
Author's address: Rua Felicíssimo Azevedo, 1290.
90540-110 - Porto Alegre - RS